

Redacção e Administração
RUA DE SANTO ANTONIO, 165

Typographia de José da Silva Mendonça
92, Rua do Almada, 95
PORTO

Anno 1.º

O CAMPEÃO

SEMANARIO DE LITTERATURA, CRITICA E DE SPORT

DIRECTORES LITTERARIOS

BENTO IZIDRO
MARIO NEY
J. COSTA BASTO

EDITOR

ALBERTO GOMES MONTEIRO

N.º 1-14

D. Hercilia Múaze



Implica a decadencia d'este nosso povo com o emverramento physico e concomitante emverramento psychico.

Quanto tenda a enrijar musculos é, pois, util.

Honra aos que o intentam.

Mais que a alguém, a D. Hercilia, envolve a saudação.

Porque se amostra na vanguarda, o numero um, no tempo e no valor, da phalange de damas cyclistas.

Em gala abre o «Campeão», a sua galeria, estampando a effigie da donosa portuense.

MARIO NEY.

CHRONICA

MLOU-SE a nossa pequenina e querida «Maripoza», n'um vôo rapido e subtil, para o paiz dos sonhos desfeitos, para a região das esperanças mortas.

Mas, «O Campeão» que lhe succede, e que lhe herda todas as chimericas ambições, ahi vae, garboso e gentil, como desejado amante, visitar, tímida e encantadamente, o discreto ninho azul e rendas, magestoso de chrysanthemos e perfumado de violetas, das mulheres lindas, a mais lindas mulheres do mundo!

Tão candido como a noiva que, aos pés do altar da virgem, se leva em fervorosa preece, crente da sua immaculada virtude, assim «O Campeão», tão puro quanto innocente, levará—ó gentis e pallidas mulheres!— a resignação calma á melancholia que envolve a alma de tristeza, n'este louco desfilhar para o coração do inverno.

O inverno! E' tão triste e melancholico o inverno, com o uivar do vento lá por fóra, por troncos velhos, despídos de folhas pelo outomno, com o bater desapiedado das chuvas contra as nossas janelas! E é tão duro e tão cruel, o inverno, com o picar do frio, as pelles finas e delicadas de tão lindas mulheres, com o arroxear das faces pallidas e mimosas das nossas amadas, que me corta o coração de dôr!

Ah! n'esse coração do inverno, coração feito de gelo, a quebrar essa tristeza, essa melancholia, «O Campeão» como que será um tropeiro provençal, que, sob o romantico balcão, faça gemer a sua guitarra querida, soluçando as desditas que lhe vão na alma, dirigindo canções magoadas, arremessando madrigaes tão

quentes como beijos e tão crystalinos como as lagrimas que vós lhe haviéis de fazer chorar de alegria—ó mulheres lindas!

E quando o frio vos picar a pelle fina e setinosa, e vos arroxear as faces pallidas e mimosas, confidenciar-vos-ha n'um murmurio d'amantes, no remanso das vossas alcovas, todas chrysanthemos e violetas, por essas longas noites, á luz baça d'um *abat-jour*, com a mesma linguagem simples com que as nossas avozinhas nos contavam em pequenos, á quentura da lareira, por longos serões, as novellas e contos dos nossos amores, com todo o sentimentalismo das nossas almas moças.

Mas a par dos brilhantes clarões do sentimentalismo, a imaginação fará brilhar tambem em doces scentelhas de sã moral a verdade d'esta vida que se vae arrastando entre abrolhos e espiuhos.

E como alguma coisa de mordente apetece ao espirito da epocha, e que é como que um *champagne* precioso no nosso pequeno meio, «O Campeão», ao mesmo tempo que erguerá um pedestal de gloria a um justo talento, a uma obra boa, da mesma sorte escarpellará impiedosamente com a verdade, o impingir de banalidades no mundo da publicidade, que vós, ao depois do chá, saboreaes.

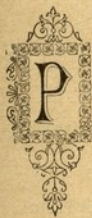
Todavia ainda tudo isso não bastava para que, garboso e gentil, «O Campeão», merecesse as vossas honras, como as mereceu da digna direcção do Real Velo Club do Porto, florescentissima aggremação da mocidade fina e distincta, fazendo-o seu órgão, na sua sessão de quinta-feira, honra immerecida que tanto nos penhora.

Era preciso que se occupasse tambem da educação, principalmente da educação physica, até hoje tão mal cuidada entre nós, e por isso, e como a velocipedia é um dos factores aconselhados e em moda para o seu desenvolvimento, abriu «O Campeão» uma secção sportiva em que despertará o bom gosto por esse ramo de sport, mesmo em vós—ó mulheres gentis—como o despertou em D. Hercilia Múaze, hoje retratada n'este jornal, e outras muitas senhoras portuenses, que, bem melhor que eu, podem contar-vos dos seus principios salutareos n'esta existencia por que tantos rachiticos enxa-meiam e onde a tysica devora tantas vidas sonhadoras.

E assim, eu, n'uma louca desfilada, fui fazendo o programma do jornal, embalado em phantasias sem rebuços d'arte, deixando a chronica que me propunha a fazer! Perdoae-me.

BENTO IZIDRO.

R 43



PATENTEIA o esbelto de seu talhe a correcção da hellenica esculptura.

Symphonia de puras linhas é seu culto.

Não se ostenta mais flebil o colmo, nem mais elegante a palmeira.

No escrinio de suas telas, Botticelli, recolhela-hia.

Conglobal-a-hia Fra-Angelico na pleizade das creações edeas.

Afigura-se-nos debil como os lyrios.

E tem a resistencia d'uma pequenina Huret.

Estradas em fóra, sobre a sua machina, voa qual encantada Galatea, de esparsos cabellos ao vento.

Não lhe escassiam alentos ao florir da gloria sua infancia.

A par dos mais rijos musculos do campeonato velocipedico, a fadasiinha, não se arreceia.

Dos seus não desmerece.

Em lides sportivas, sobejamente, a familia Múaze, é experimentada.

Forte d'organismo, é valorosa d'animo.

Transpondo o piégas convencionalismo devotou ao sport a gentil Hercilia.

MAGUAS

ALGUEM te disse, ó pallida creança, que, pela madrugada, eu, fronte pendida sobre peito, passo scismando á tua porta, e lá vou, estrada em fóra, sempre a scismar até ao rio que passa lá, além.

E tu — como todas curiosa — mostraste então o desejo de saber qual a razão, qual o motivo, que me leva assim tão cedo, quando ainda dormes e sonhas, a passar, scismando, á tua porta?!

E' que foi por uma madrugada que falleceu a esperança na minh' Alma; é que foi assim cedo, ao romper dos primeiros raios de um sol claro, que, após um sonho, eu te adivinhei perdida para sempre; é que foi com o primeiro orvalho da manhã que cahiram também as minhas primeiras lagrimas; e desde então, até chegar ao calvario d'esta Vida, eu vou sempre, todas as manhãs, á hora em que no leito és socegada e pura, porque dormes, e mesmo, quando um sorriso mau te brinque nos lábios, és innocente ainda, porque sonhas, eu vou, estrada em fóra, de fronte pendida sobre o peito, olhando a minha dôr — como mãe carinhosa olhando o filho — até além, onde choro este intimo desgosto que me rala — o teu desprezo — com o meu confidente querido — o rio que murmura. —

J. COSTA BASTO.

DESESPERO

Ai, pomba, como é triste a noite escura
D'esta vida fallaz que tanto engana!
Como eu te arrastei á sorte dura
D'este exilio cruel, miseria humana!

Eu que, louco, julgava que a ventura
Estava em teu amor, tua cabana!
Por ti mais que por mim provo a tortura
Do quanto pode a illusão insana!

Eis-nos agora fartos d'esta vida,
Tu, decerto saudosa, arrependida,
Eu, morto do pesar que me consome!

Matemo-nos, Amor; se é louco o intento,
Mais nos vale acabar com tal tormento
Que morreremos aqui de frio e fome.

Novembro de 99.

GIL MORENO.

Misérias

EMQUANTO no fundo do casebre continuava aquella tosse secca, aquella desfazer interno, elle relia mais uma vez a receita que o medico — um bom homem que alli fóra por esmola — lhe havia entregado e em que um arremedo de candeia segura em um buraco da parede, projectava uma luz frouxa, muito pallida.

E ao terminar circumdôu a vistá em derredor como a procurar alguma coisa em que fazer dinheiro.

E de repente veio-lhe á lembrança uma espingarda velha que ha tempos escondera no sobrado.

Estava alguma coisa ferrugenta mas ainda valia. Alem d'isso o polvorinho estava cheio e talvez lhe desse para a receita.

N'um afan, n'uma anciedade doida, prin-

cipiou de limpal-a... mas ao tempo lembrou-se que era noite, que era já tarde, e baldado portanto todo aquelle trabalho.

E como não houvesse somno, para entreter, para passar o tempo até á madrugada, até ir esmolar, começou de a carregar.

N'este momento a porta girou gemendo sobre os gonzos e um filho, o mais velhito, entrou todo tremendo, todo frio.

Uma esperança brilhou nos olhos d'aquelles esfaimados.

Todos esperavam alguma coisa, todos queriam saber, e no entanto, temendo talvez a resposta, nenhum ouzava perguntar.

Dos lábios da creança então uma palavra só echoou tristemente no lugubre aposento: — Nada.

E o irmãosito, o outro abaixo:

— «E' porque não peliste».

— «Ah! se pedi! Pedi tanto, tanto, que até me bateram, bateram-me!»

E principiou de chorar!...

Nos olhos do pae então brilhou um clarão estranho. Sobraçou a arma, olhou a companheira agonizante, olhou os filhos, e sorrindo dolorosamente transpoz a porta em direcção á estrada.

*
*

Da curva do caminho surgiu avançando pouco a pouco a figura d'um homem, d'um noctivago, d'um bohemio talvez, que embebido ainda nos fumos de uma orgia, caminhava vagarosamente.

O logar era optimo.

A propria lua, que ha pouco se escondera por detraz do outeiro, parecia proteger o vulto que de arma na mão, á laia de sentinella, esperava collado ao tronco de uma arvore o viandante descautelado. Vinha já perto. A pontaria não podia errar. A arma era certa.

Mais um passo, um só, e cahiria em terra... E no entanto o viandante ia passando sem que o tiro se fizesse ouvir.

E' que ao alvejal-o pela ultima vez, ao collocar o dedo no gatilho, a imagem da mulher que o esperava, os filhos que tinham o seu nome, um nome honrado, tudo isso lhe appareceu na mente, desenhando-lhe os horrores do carcere, fazendo-o sentir a deshonra do nome, o pezo extraordinario do remorso.

E assim, deitando para o chão aquella maldita arma, principiou de caminhar para casa onde chegou ainda a tempo de receber da companheira o ultimo adeus.

E quando amanheceu, sahindo a esmolar, pôde arranjar ainda para o enterro.

JULIO RUIVO.

Estrella d'alva

Vê se acordas, Rainha preguiçosa!...
Descerra as tuas palpebras fechadas...
Entreabre os teus lábios côr de rosa,
— Duas vagas d'amor purpleadas! —

Da tua meiga bocca setinosa
Dá-me o beijo febril das namoradas...
As aves de plumagem graciosa
Já cantam, lá por fóra, as alvoradas!

E emquanto me não deres os bons dias,
Não posso ouvir cantar as cotovias
Nem vêr a teia azul incendiada...

Tens o sol no fulgor dos olhos teus,
E's tudo para mim, és o meu Deus,
Minha estrella gentil da madrugada!

Porto, 3 de Novembro de 99 LUIZ MARIA PEREIRA.

IMPRESSÕES

QUANDO evocamos o passado, tempos idos da nossa existencia, encontramos-lhes um mixto de esperanças que nunca se realisaram e de acerbas dôres que nos pungiram.

E' esta a vida, esse indecifrável enigma que, em balde, tentamos resolver, luta tormentosa que arrostramos com esforgo supremo de titans, vencendo cada obstaculo que se nos depara para defrontarmos com outro bem mais difficil.

Se ás vezss surge no nosso ceu caliginoso um raio de esperança, que nos affaga como a luz branca do luar, em breve o vemos eclipsado por uma contrariedade, vaga traioeira que nos levou uma lembrança da mulher amada, quando um dia, descuidosos, admiravamos a immensidade do oceano.

E no emtanto, nós, a mocidade sonhadora, que temos ainda a alma candida como o veu alvaceado das noivas, vamos pisando este caminho, juncado de illusões, desfeitas, rosas d'um dia, arrastadas pelo frio sopra das nortadas, caminhando sedentos de justiça, á busca do Bem e da Paz.

JORGE OLNEY (RUFINO CARDOSO).

EXHORTAÇÃO

Sombra que adejas tectrica, inclemente,
A escurecer-me a luz aurifulgente
D'um sonhado porvir;
Porque opprimes tanto a existencia
E turvas a razão n'esta demencia,
N'este cruel pungir?

Passa. Que minha alma soffredora
Já escutou a voz atroadora
De ingente desventura!
Já no passado, a senda luminosa
Se transformou em via dolorosa,
Em cruciante agrura!

Se julgas diffundir pela desdita,
Espairecer de mim a fé bendita
Por negras previsões,
Não pares; que o amor immenso, ardente,
Ha-de ligar, fundir eternamente,
Dois tristes corações!

Porto, 3—11—99.

JOSÉ LOPES VIEIRA.

A MOIRA DO SALADO

PERA o termo da batalha de Tarifa ou Salado, com gloria para hespanhoes e portuguezes. Havia-se acabado o entusiasmo da victoria sobre os sarracenos, para ter logar a ignominia do saque e da refrega. E o roubo, o exterminio e a infamia imperavam em toda a sua hediondez e cumulo, como impera, a sorrir, a ferocidade de um tigre faminto, imolando, esphacelando e devorando as carnes ainda quentes da sua desprevenida e incauta presa.

Cincoenta cavalleiros da fina flôr de Hespanha, acompanhados de numerosos pagens, demandavam, em tropel, o burgo real castelhano, entre nuvens continuas de poeira, que apenas de quando em quando deixavam ver o tremular dos pendões, o luzir das espadas, piques e lanças, e o deslumbramento das armaduras variegadas, aos clarões fulvos do sol, n'aquella tarde de agosto.

*

Noite fechada, e ainda é longe o termo do caminho que os conduz á fronteira do reino castelhano.

Vão já exhaustos pelo cansaço; rega-lhes o rosto o suor; mortifica-os a sêle, e ferve-lhes nos animos a impaciencia. Tudo escuro. Apenas se escutam o trote dos cavallos, o tenir das bainhas nos estribos, os sussurros da creadagem e as imprecações nada piedosas dos cavalleiros. Sómente além, lá ao fundo, uma frouxa luz escoada por uma pequena janella.

E' lá a ignota e solitaria estalagem, frequentada por nomadas de ciganos, de que lhe derivou o nome, e tambem logar secreto dos espiões mouriscos, derramados por toda a fronteira da Castella de então.

*
* *

Tinha chegado a numerosa cavalgada em frente da Estalagem dos Ciganos. A luz bruxoleante havia-se extinguido. Nem o menor sopro de vida se sentia transpirar para fóra da humbreira da porta.

Alçando o duro montante, vociferou um dos cavalleiros que parecia, pela rapidez com que era acudido pelos demais, ter o com mando d'aquella lustrosa companhia de armas: —Judeus! — e com o punho do montante tal golpe descarregou na fechadura da porta, que esta cedeu, abrindo-se, á violencia do choque.

Deu-se então uma scena de ferocidade e de terror.

O zelo pela Fé dos cavalleiros christãos era incompativel com a piedade, tratando-se de sarracenos, embora fosse repellente cobardia o ataque de um troço de homens armados até aos dentes contra um pequeno grupo que em familia commentava tristemente, desoladoramente, a perda da sua Tarifa saudosa e querida.

—la começar o exterminio.

—Perros! —bra'lou ainda o mesmo cavalleiro.— Por Santiago, que vos vamos mandar de presente a Satanaz, para gloria da cruz por quem pelejamos —

E, voltando-se para os homens de armas, ordenou:

—Os perros heresias terão a morte que merece a ultima escoria da raça dos cães; as mulheres serão nossas escravas.

*
* *

N'este lance, subito apparece uma formosissima hebreia que, empunhando um yatagan, calma, amena e silenciosa, caminha até meio da saleta, de olhos fitos, com uma coragem heroica no cavalleiro christão. Ahi estacou; fitou ainda insistentemente aquelle homem com um olhar de desprezo, borbulhando-lhe nos labios um sorriso de desdem.

—Eu sou a sobrinha de Abul-Hassan a quem roubastes familia, reino e liberdade. Monstros do exterminio, sabeí que só Allah vive, que só elle é o verdadeiro Deus e Mahomet é o seu propheta; que aquelles que crêem n'Elle, só d'Elle podem ser escravos.

—Basta! —bradou o cavalleiro christão

—Sereis vós a primeira escrava!

—Sim... escravo, o meu cadaver! —

E tomando o yatagan rasgou o seu pescoço de cysne de um só golpe, rouquejando quasi impercêptivelmente — Allah!... —

Novembro 99.

MOREY.



VERSOS ANTIGOS

Não me ferem, mulher, as ironias
Cauticantes, pezadas, duras, frias,
Que leio em teu olhar!
Oh! não me ferem não, esses gracejos
Estudados ao espelho como beijos
De immundo lupanar.

Se és rica, se no Banco d'Inglaterra
Tens dinheiro a juros, não me aterra
A mim o meu porvir;
Oh! come-o, bebe-o, gasta-o, porque emfim
A Vida é hoje, e n'uma Vida assim
É bom gozar, sorrir...

Mas não me julgues pobre. Tenho ainda
Um enorme thesoiro que não finda,
Uma esperança, um bem.
Eu tenho uma alma amiga, um doce peito
Onde verto o meu choro —mar desfeito—
Eu tenho minha mãe!

Tu tens setins, velludos e brocados
Que compras a dinheiro nos mercados
Da *élite* e do bom tom.
Eu ando quasi roto, esfarrapado,
Uso um fato bem sujo, ennodado,
Mas tenho coração.

Tu guias-te pela moda caprichosa,
Que dura um dia como dura a rosa,
Que vem como se esvae;
Mas eu tenho um farol que é só meu
E que vejo brilhar além, no Céu...
A alma de meu Pae.

Tu vaes, eu sei, á igreja em devoção
E diriges a tua contrição
Ao pallido Jesus;
Mas no entanto, perdoa-me, tu mentes
Porque juras aquillo que não sentes
Pelo martyr da cruz.

E vê. Eu, que não sigo a tua idéa,
Se juro pelo Triste da Judéa,
Se juro, nunca minto.
É que eu tenho a noção do meu dever,
Tu buscas simplesmente o teu prazer...
E riste do que eu sinto!...

Existe pois em nós grande differença
Que o tempo não destroe, antes condensa
Cada vez mais e mais.
Eu tenho coração, tu tens dinheiro,
És perjura, és infame, eu verdadeiro,
Tu ris, eu solto ais!...

Mas gósto de te vêr assim contente
A sorrir e a baillar continuamente
N'um sonho de prazer.
Eu gósto de te vêr assim feliz,
Embora eu seja o bôbo de que ris...
Eu gósto de te vêr!

Porto, 99.

J. COSTA BASTO.

VILLANCETE

Já me não custa soffrer
Tanta dôr, tanta desgraça
Que pela minh'alma passa...

VOLTAS

I

De não sentir senão mal,
O meu coração doente
Sempre andava descontente;
Agora, o triste afinal,
De affeito que está á Dôr,
Já lhe parece ventura
Aquella rude amargura.

II

Os meus sonhos d'alegria
(Como elles formosos eram!)
Ha muito se desfizeram
N'esta crua hypocondria.
Mas de ser ella constante,
Já não me parece dôr
Se um mal não vier maior.

Porto, 18—11—99.

JOSÉ CUNHA (DELTA).

Estigma de Raça

LONGE, no velho continente, buscára a luz do entendimento o africano moço. Mal de regresso, ante seus passos, ale vantou-se a feiticieira visão d'uma mulher. Abastada em bens e graças de corpo, se ostentava a branca Paulina, a filha do fazendeiro.

Vouu seu affecto até ella, n'uma arden cia tropical.

Entanto, a negra coloração de sua fronte, ensombrou o ridente do seu sonhar.

Estigma de desprezo para feminis beldades, da s'lvura dos carmellos, avultava aquelle maldito character de raça.

O coração batia d'igual sorte, sob a epiderme escura ou sob a eburnea tez.

O cerebro concebia largo como o do velho europeu.

Mas nem os mais livres do preconceito e escrupulo encaravam, normal, o enlace de tão oppostas raças.

Cogitava assim, o pobre negro.

Amaldigoava o instante em que partira, rumo de novos paizes, em rota do saber.

Melhor lhe fóra, no embrenhado das virgens florestas, vaguear, caçando, rude e simples, como seus irmãos nataes.

Antes assim; que não haveria no peito aquelle calcinar d'affecto, no cerebro aquelle sonhar de loucuras.

Jámais do veneno da civilização, longe colhido, se evolaria aquelle enxame de aspirações ardidas.

Consumido em divagações semelhantes, errava pelos matagaes, intentando lobrigar, pelas tardes, no habitual passeio, a santa visão dos seus anhelos.

Sempre o conseguia, quando ella destacava, avenida em fóra, no seu vulto esguio e debil, até vir pousar no predilecto banco afogado de verde musgo, sob o doce l de palmeiras e coqueiros.

Na espessura das moitas occulto, seus olhos em fogo, um fogo de intima e immaculada adoração, envolviam a joven.

Sentia o deslumbramento, como ante o esplendor d'um sol.

Depois desmaiavam para o mar as tintas do poente e, inalteravelmente, a linda moça tomava direcção do grande portão do parque que berrava, lá ao fundo, n'um vermelho carregado.

Apagava-se a luz dos olhos de Accacio.

A sombra da dôr tombava-lhe por sobre a fronte, como a sombra da noute se desprendia por sobre a terra.

Agglomeravam-se em largas manchas de nankim as arvores da floresta.....

*

* *

Definhava o desditoso, lentamente.

Cavavam-se-lhe as faces; e as maçãs do rosto semelhavam rasgar a pelle.

Os olhos eram duas cisternas de agua morta, d'um brilho tenebroso.

Apostou-se então, para a derradeira tentativa:—escrever-lhe.

Assim fez, postado sobre o banco, afogado de verde musgo, a missiva.

Ia, sentimental, flagrante de sinceridade e d'acepillhado estylo.

A dama chegou e, como no relance de olhos, não avistasse ser humano, leu.

Ruborejaram-se-lhe as faces niveas.

Um clarão de prazer allumiou-lhe a fronte pura.

Tocou-lhe o coração a préce d'amor d'aquella carta, por mão habil e cerebro culto traçada.

Comsigo meditou:—Se tão bello fôra de corpo como de alma o homem que assim cservepe?...
 Entreabria a primeira petala a virgindade do seu peito.

Exultou o pobre Accacio com a prazenteira acolhida, mal se contendo no seu esconderijo....

Breve o assaltou a fatidica idea do repugnante colorido de sua pessoa.

Alentava-o a fagueira esperanza, porém, de captivar a gentil Paulina.

Amal-a-hia tanto, tão ferventemente, que ella esqueceria tudo.

E, logo no seguinte dia, sobre o banco costumado do repouso da deusa d'aquelles bosques, alvejava a branca d'um papel, Rogava uma entrevista.

Celere, em identico logar, n'um perfumado envolvero, appareceu resposta.

Pedira a nocturna entrevista. E era assim concedida no caramanchão do parque.

Deus! que infinita alegria a do Accacio. Atirava-se de joelhos, em graças á Virgem dos Milagres e a ella, a ella sobretudo, a santa das santas.

Trauteava modinhas e ensaiava a postura d'uma versalhada, laudatoria da diva.

As modalidades varias de expansão dos felizes, tomou-as o joyen apaixonado.

Pairava entanto no seu espirito um farrapo de presentimento, um agoiro...

*
 * *

Andavam no pardacento do ceu, largas manchas negras de nuvem.

Recortava-se no alto o crescente da lua nova.

A solidão esmagava na sua mudez extranha e immensa.

O sete-estrello subia alto já na abobada celeste.

Ja pois adeantada a noite.

Um vulto pulou então a paliçada do parque e indireitou, subtil, ao caramanchão.

Instantes transcorridos, da parte da habitação, um outro vulto de mulher tomou identico rumo.

Baixinho, ouviram-se então palavras.

Era o Accacio, que n'um effluvio de phrases ardentes, de joelhos, rogava perdão a Paulina.

Perdão por haver, assim, sem apparecer-lhe, confessado o seu amor.

Perdão por convidal-a áquella entrevista em taes condições.

—Que tudo perdoava.

Ternamente balbuciu, Paulina, assoberbada por uma commoção indefinida e suave, como um perfume.

—Elle amava-a muito! E ella?

—Tambem o amava muito!

Noite, um raio de lua, até ahi ensombrada por uma das grandes nuvens, incidiu de chapa na frente de Accacio.

—Negro! —N'um grito soffocado, exclamou ella.

E olhos esgazeados, inteirido o corpo, foi descabindo, lentamente, como uma palmeira gentil batida de ventania, amparada pelo inditoso negro.

—Ah! sim! havia de ser isto!... Já o advinhava! Este infame estigma que o destino me arrojou na frente!... — Raivou o desgraçado.

Uma angustia sobrehumana, a arar lhe o peito n'um fogo de inferno, ajoelhou junto do corpo de Paulina, angelicamente bella no seu desmaio....

Pousando-lhe uma das mãos sobre o coração, murmurou ainda:—Podia bem ser meu este thesouro que merecia, mas...

E com a mão livre, mergulhou no seio alguma cousa que bem podia ser um raio de luar ou a lamina d'um punhal.

Descambou ao lado do corpo d'ella. Acordava então Paulina.

Rememorando, prestes se alembrou de tudo.

No ultimo estertor d'agonia convulsionava-se o malfadado.

Tomou-lhe a pobre creança, desolada, louca de dôr, a frente e rogou-lhe, cheia de lagrimas, os solugos a soffocarem-na:

—Accacio! vive. Quero dar-te todo o meu amor...

Erguendo os embaciados olhos, elle disse ainda, saudosamente:

—E' tarde anjo... Eu morro feliz... assim...

E encostando a frente ao seio amargurado da sua amada, evolou-se o seu espirito.... partiu...

No luto d'uma sombria nuvem amortalhava-se, lá bem no alto, a lua nova...

4—11—99.

MARIO NEY.

A PROMESSA

As lagrimas sentidas que verteste
 No dia já tão longe em que parti,
 Os beijos perfumados que me dêste
 No ultimo adeus que recebi,

Disseste-me os guardasse cuidadoso,
 Penhor d'esperança e fé, amor bemdito
 E nunca os olvidasse, receiosos
 Que tu assim fizesse ao proscripto.

E eu, como o avaro agrilhoado
 Ao unico amor — o fulvo oiro,
 Tambem trago o meu sér acorrentado
 A esse santo amor, o meu thesoiro!...

Mas, s'esquecido tiveres, quando eu voltar,
 As juras d'esse dia, eu hei-de então
 Ao mar do meu desprezo arremessar
 O thesoiro que guardei no coração...

Novembro 99.

RUY SERENO.

A MORTE

Eu quizera que a morte, essa mulher austera,
 Faminta mais que a fome e negra mais que o crime,
 Que rasga os corações com volupias de fera
 E faz da carne humana o manjar mais sublime,

Tivesse um nervo, um só, esse nervo que exprime

As sensações do goso onde o prazer impera,
 Para torcel-a assim como se torce um vime,
 Em sensações brutaeas, com laivos de panthera.

Havia de esfalfal-a a todos os momentos,
 Infiltrar-lhe na mente a esplendida loucura
 Que nos faz olvidar todos os soffrimentos.

E depois de exaurir-a a beijos de ternura,
 Entre mil caricias e fugidos sentimentos,
 Havia de, emfim, cavar-lhe a sepultura.

N. R. Um nosso amigo que andou durante as ferias a oxygenar bem os seus pulmões em terras transmontanas, recolheu lá este soneto d'um poeta a quem, por infelicidade, não sabe o nome, e que nós, pela sua concepção muito apreciavel, não resistimos á tentação de aqui o estampar.

NO SEculo XXI

A hora da volta ao lago. As duas adoráveis esposas, estendidas sobre os coxins da carruagem, internavam-se nas pellicas, e os cabellos de Laura pareciam de ouro e os de Joanna d'ebano, debaixo da claridade fresca do sol d'inverno. Havia muitos dias, tres mezes completos, que ninguem as via.

Depois da bella festa de nupcias, para a qual fôra convidado todo o Paris illustre e mundano, ellas foram occultar, n'um castello da Bretanha, junto ao mar, as primeiras delicias da sua felicidade.

Sabia-se que ellas por muito tempo se amaram, antes de poderem confessar que se amavam; que os paes,—por questões d'interesse — não consentiam no casamento.

Adorando se, ellas podiam, ter-se revoltado e fugirem, mas eram noivas honestas, desejavam conservar-se intactas para o leito nupcial e por isso, apesar do seu desespero, tiveram a paciência das verdadeiras paixões. A' força de resignação dolorosa e de mudas orações, conseguiram emfim, pertencer uma á outra.

Por causa d'esta legenda, amam-as e respeitam-as, descobrindo-se todos, quando ellas passam, cerca-las, por toda a parte, de murmúrios de sympathia.

Enganam-se dizendo que Paris é frivolo e egoista, que unicamente se interessa com as aventuras escandalosas; elle sabe prestar justiça á honestidade, dos amores sinceros e alegrar-se com as virtudes recompensadas.

Ellas, na carruagem a passo, enebriam-se com este doce triumpho, tendo a consciencia de bem o terem merecido e respondem aos cumprimentos com os seus sorrisos venturosos.

De repente Joanna, carregou a sobrance-lha:

—Laura, minha querida, disse ella, por que fizeste com a mão um signal áquella amazona?

—Não a conheces? E' a Margarida de Lizolles, uma das minhas amigas do collegio. E' preciso convidal-a para os nossos bailes.

—Isso é que não! Margarida de Lizolles é d'aquellas que uma mulher na tua posição, não deve receber, não deve mesmo ter conhecido.

—Margarida! Que fez ella então?

—Não sei se t'o deva dizer, a ti tão pura, tão perfeita... Ella casou-se.

—Que tem isso! E nós não nos casamos tambem?

—Graças ao ceu, meu adorado anjo, mas ella... ella... desposou um homem!

—Oh! exclamou Laura côrando...

CATULLE MENDÉS.

GRATIDÃO

Ao meu amigo José Cunha (Delta)

Se em verso se podesse traduzir
 A sincera amizade e gratidão
 Que te consagra o jovem coração
 Fraco por ora, forte no porvir.

D'aquelle que fizeste resurgir
 Da inexperiencia — dura escuridão;
 Quizera de Camões a inspiração
 Que tantas emoções nos faz sentir.

E então habilmente idealizado
 Te ofertava um soneto arrebatado,
 Cheio d'amor, de gratidão e vida.

E' impossivel porém, e no entanto,
 Ao dedicar-te este meu pobre canto
 Voa p'ra ti minh'alma agradecida.

Porto, 18—29—99.

ADRIANO FONTES.

ARTES E LETTRAS

CARTA A UM POETA

POR

GUEDES TEIXEIRA

A Carta a um Poeta, a extrema produção d'um dos mais radiantes poetas da nova geração coimbrã.

Como n'um conto de fadas, vae presa nossa attenção, desde começo a termo das mingoadas paginas da epistola.

Canta-nos ao ouvido, deliciosamente, a musica das rimas.

Corre fluente e natural o verso, n'um portuguez lidimo, sem arrebiques pretenciosos, nem francezismos escusados.

Por vezes arrebatava-nos na grandeza do conceito, no flagrante da imagem.

Sente-se palpitante n'estas paginas a verdadeira e luminosa alma d'um poeta.

Semelha um propheta fugido do pantano terreno, como elle o diz, ao seu amigo:

A cem leguas da vida e a dois passos do mar.

Vibra a sua lyra em carnes á paz do campo, ao puro ar da montanha, onde depara a edeal pureza e santa sinceridade dos simples.

Depois, escalpelisada a vida, no seu apangio de lodo e miserias, aponta ao poeta amigo a unica rota a trilhar, para haver a ventura e a absoluta bondade:

Inda é tempo, inda é tempo, inda podessalvar te.

Em toda a parte ha um céu e um sonho em toda a parte

E tu tens uma cruz como todos, é ergue-la;

Como todos tambem um coração, é dal-o;

E da cruz tocarás a mais longinqua estrella,

Sem coração, já tens onde poder guardal-o.

Farei passar-te aos pés um grande rio em breve,

Vê-te na agua tu, p'ra que a agua te leve:

E o rio curará teus pés que estão feridos

E despoja-te ali de todos os vestidos;

Toma-ós nas tuas mãos e olhos no céu que é nosso,

Chama os homens e diz assim: — Eis o que é vosso. —

E uma estrella virá, ao fundo do horizonte

(Que tu julgarás lá, mas que é na tua frente)

Acompanha-a, pois ella ha tanto te acompanha.

E ella levar-te ha ao Deserto, á montanha.

E ali te vestirás com a lã das ovelhas,

Comerás o que o céu n'um acaso te mandar,

Amando o corpo, que é por elle que ajoelhas,

E a alma, porque é quem te faz ajoelhar.

Uma linda choupana hade dar-te guarida,

Muito pequena, do tamanho da tua vida.

A tua cama de folhas seccas e doiradas,

Hade sempre lembrar-te as noites mais amadas;

E ao romper da manhã acordarás em paz

Sobre uma pedra ou um coração, que tanto faz.

Desgraçado, á Montanha. As estrellas radiantes.

Hão-de-te lá chegar um cento d'annos antes...

E quando um dia alguém te precisar fallar

Hade ter de soffrir, porque tem de gritar.

E os lagos hão de ser os teus lindos espelhos:

Vor-te-has de rastos sempre e beberás de joelhos;

E essa agua será a verdade infinita,

Por ti tocada então, hoje por mim escripta.

Não posso eu ir: chegou o fim da minha vida:

Morro á vista, tambem, da Terra Promettida.

Em outra parte, n'um rapto sublime, n'um crêr vivo na perenne existencia d'esta Patria, elle canta:

..... Se o nosso peito a encerra,
Cada um de nós da Patria, em seus negros reveses,
Tem um palmo, e, assim quatro palmos de terra,
São e serão eternamente portuguezes.
Empresta-me, Maria, o teu lenço grosseiro!
E' só branco? Daixal-o! o azul do céu inteiro
Ha de se lhe collar quando eu o erguer ao ar,
Sobre esta terra, a todo o vento a fluctuar...
Manoel, põe-no além no mais alto da serra,
Porta-bandeira do amor da nossa terra!

E ao pôr termo á carta, o poeta, exhorta o seu amigo a abalar, célere, pela rota apontada:

Vamos, adeus, sê bom, sê bom, o resto é nada.
Foje mesmo amanhã ao romper d'alvorada...
Não me procures, segue ao longo do caminho;
Hasde encontrar a meio um velho pobresinho
A quem darás a tua alma; e elle em seguida
Dar-te-ha a d'elle, — em troca, — a que eu levei da vida.
Toma-a nas mãos, mette-a no peito, ergue-a no olhar
Volta depois para o coração: não ha que errar.
E' sempre em frente.....

Magistral se nos affigura o novo trabalho do auctor da Mocidade Perdida e do Livro d'Amor.

Tudo quanto nos seduz a alma é bello, no criterio d'um grande pensador.

Semelhantes requesitos esmaltam a obra do sr. dr. Guedes Teixeira; de feito a enmoldurar-nos no peito a luminosa recordação do seu trabalho.

E, em bem das patrias letras, oxalá que por muito se não remeta ao silencio, quem tão altamente sente e tão grandemente traslada esse sentir.

Flores de Maio

N'um volumezinho aprimorado enfeixa o sr. Marques dos Santos as produções juvenis dos seus dezeseite annos.

Chamam-se os versos—Flores de Maio—Cabido lhes é o titulo ás pequeninas flores litterarias, com agrado lidas.

A sua fragancia é ephemera, como bem diz o prefaciante, o sr. Ramos de Paiva. Mas, nem por tal, menor mimo são e minimo engenho artistico evidenciam.

Revelam apenas a essencia subtil de uma mocidade ditosa e não o sentir profundo e amargo d'um viver de dôres.

Ao deante o sr. Marques dos Santos firmára creditos de poeta, como ora se revela na seguinte linda quadra:

N'um triste logar môras, minha amada,
Que esfria até o amor de quem te canta...
Ao pé d'uma pureza assim de santa,
Existe o pó, o mundo, emfim, o nada!

Assim o esperamos.

Ideal da Bairrada

Em saudação aos poetas mortos, editou o «Ideal da Bairrada» um numero unico, em dia de finados.

Generoso e alto exemplo este, para seguir e imitar, n'estes avançados tempos, safários de ideal e prenhes de egoismo.

E' consolador o deparar alguém n'esta rota da vida, a ajoelhar ante a memoria dos que passaram soffrendo muito e muito amando, sedentos de Verdade e de Justiça.

Louvavel é pois o proceder altruista do sr. Albano Simões Ferreira, director do «Ideal da Bairrada» e uma fina organização poetica, lançando a lume esta publicação.

Nas 10 paginas que o compõem avultam a par de trechos de vates já fallecidos, escriptos de colaboradores vivos.

E' pois em tudo—collaboração e nitida impressão—homenagem de molde para os espiritos luminosos dos que se foram.

Os nossos agradecimentos pois ao sr. Simões Ferreira pelo exemplar com que nos presenteou.

Os Bohemios

Visitou-nos agradavelmente, o 2.º numero da revista de litteratura—«Bohemios».

Apresenta magnifico aspecto e escolhida collaboração.

THEATROS

Theatro D. Afonso

Os trabalhos de beneficiação determinados pela auctoridade sanitaria, activam-se extraordinariamente para que se possam em breve abrir as portas d'esta casa de espectaculos, com a companhia lyrica que o empresario Nubiola acaba de contractar em Madrid.

Dizem-nos ser uma companhia muito razoavel no seu conjunto e com alguns artistas de vastos recursos.

Theatro Carlos Alberto

Tem continuado em scena a peça de Lopes Teixeira «No paiz dos tigres» que será substituida no cartaz, no proximo sabbado, com reprise da «Galeria» que muito agradou na epocha passada.

Em seguida teremos a comedia do nosso amigo Ferraz Brandão «Catitas e janotas», depois uma peça phantastica do nosso collega Sousa Rocha a que se seguirá a revista de Sá d'Albergaria

Sarah Bernhardt

No escriptorio do theatro D. Amelia, em Lisboa, tem sido grande a affluencia de pedidos de bilhetes para as peças que esta celebre actriz representará,—*Tosca, Dama das Camélias, Hamlet, Frou-frou, Adriana Lecouvreur.*

*
Escreve o *Heraldo* de Madrid:

«No expresso do norte que chegué esta manhã a Madrid, com vinte minutos de atrazo, veiu a imminente artista franceza.

Desceu do *Sleeping* envolta em uma grande capa de pelles, coberta a cabeça com uma touca que guardava os seus cabellos e com o semblante tranquillo como se viesse de um passeio.

A opera «Serrana» de Keil

O nosso compatriota Gaspar do Nascimento conseguiu no Rio de Janeiro que 90 pessoas subscrevessem 3.000\$000 para mandar imprimir com texto em portuguez e italiano, a partitura *Serrana* de Alfredo Keil, segundo nós lemos no *Paiz* d'aquella cidade do Brazil.

FOLHETIM

(13)

GEORGES DE PEYREBRUNE

Uma Separação

PRIMEIRA PARTE

III

—Bom dia, sr. doutor Baldy. Que bonito tempo para as suas visitas!

—Bom dia, rapazes. Como vai a saúde?

—Assim, assim, sr. Baldy, quanto mal nunca peor, agradecido.

E a egua cenzenta do doutor, um momento parada, começava o seu trote somnolento ao longo da estrada, que o animalito subia e descia todas as manhãs. Só o doutor Baldy mantinha a velha costureira de trotar por montes e vales, em quanto os seus colegas visitavam os doentes residentes no campo em *coypé*, guia lo por um cocheiro de librê preta. Pedro Baldy, porém, dispensava testemunhas que fossem contar em que sitio e a que hora elle se demorava, nas suas visitas aos caes. Só a egua poderia narrar os idyllios a que por vezes assistia, presa a uma arvore; desenfrea a para pascar a herva, ou abandona a à solta, a bira de uma choça, debaixo dos carvalhos.

A clinica do medico abrangia aproximadamente a área de cinco kilometros em torno da cidade. Ao longo do seu itinerario, a gente do campo comprimentava-o familiarmente, porque Baldy era boa pessoa, na la soberbo, jovial, mesmo um pouco livre na sua maneira de falar e sobretudo desinteressado em questões de dinheiro pagavam-lhe quando queriam. De sorte que os campones não dispensavam, por caso algum, a sua assistencia. Baldy podia fazer o que lhe aprovesse; a clinica não protestava. Para que, se não era preciso dinheiro!

E' justo acrescentar que elle curava os doentes tanto como os outros, e que se recomendava pela sua sobriedade na applicação das drogas medicinaes. Na sua opinião, as invenções modernas não passavam de um charlatanismo perigoso. As doengas, consoante o seu raciocinio, synthetisavam-se neste diagnostico summario: exuberancia de sangue ou exuberancia de bilis. As receitas não exorbitavam além do euretico, da magnesia, de uma duzia de sanguesugas ou da lanceta. Os campones entendiam este receitao, pouco dispendioso, que deixava a perder de vista todo o imbrogio de medicinas caras, pagas a peso de ouro, usadas pelos casacas da cidade e que não logravam curar os habitantes das aldeias.

Por todos estes motivos, o sr. Baldy, era popular no campo, como ninguem, e ser-lhe-hia facil, se quizesse, fazer-se eleger deputado. O seu scepticismo, porém, pronunciava-se abertamente contra a politica. Pedro Baldy escarnecia as pessoas que a tomavam ao serio, dizendo mais livremente do que é licito repetir, que todas essas patraugas não valiam uma rapariga bonita. E como era sincero nas suas opiniões, documentava-as frequentando assiduamente logares suspitos. Logo ao romper da manhã, cavalgava na egua, e elle ali ia por esses caminhos fóra, parando a espaços, divagando, distribuindo consultas, e não se esquecendo de nenhum doente, qualquer que fosse a phantasia que lhe agoinasse o miolo.

Mas n'essa manhã não se demorou com as pessoas que vieram ao seu encontro, solicitando uma receita. Nervoso, apressado, cravava as esporas nos flancos da egua, obrigando-a a galopar.

(Continua.)

HUMORISMOS

PATETAS ALEGRES

De lunetas, quando vejo,
Na rua qualquer peralta
Logo me vem o desejo
De acabar com essa malta
De peraltas... quando os vejo.

Bigodinho retorcido,
Casquette á banda tombado,
Com andar mui sacudido
E o cabelo envernizado,
Já de banha apodrecido.

Oh então p'ra variar,
Pois que varios sempre são,
Com botinha de chiar
E bengalla de castão
Fazem vida a namorar.

Ao vel-os assim catitas,
Faço logo a minha logica,
Sem saber se esses *almitas*
Na classe zoologica
São vermes ou parasitas.

Não sei se protozoarios
Elles são, ou vertebrados,
Molluscos, bryozoarios,
Insectos, celenterados,
Ouriços, espongiarios.

Segundo vejo e se diz,
De peraltas essa raça,
Que traz pegada ao nariz
Bonita e bella *couraça*...
—Só pertence aos Reptis.

MARIO PINTO D'AZEVEDO.

Notas de sport

A dignissima direcção do Real Velo Club do Porto, na sua sessão de quinta feira, concedeu a honra de considerar órgão do mesmo Club o nosso jornal «O Campeão».

Penhora-nos em extremo esta honra a que corresponderemos cuidando e melhorando o nosso jornal, nós rapazes academicos, empenhados em progredir na rota das letras, caminhando para a Luz, apurando escriptores ou dando lhes campo a exercitarem-se e mostrarem o seu valor, e contribuindo para a educação physica, tão mal cuidada entre nós, desenvolvendo o gosto pela velocipedia, gymnastica e outros ramos de *sport*, que são os principaes factores d'essa util educação lá por fóra.

Assim abrimos esta secção onde pretendemos publicar alguns artigos doutrinaes a par d'outras noticias sobre *sport* em que se realçarão as suas vantagens para o levantamento da educação physica entre nós.

Ao Real Velo Club do Porto dever-se-ha de futuro, com a honra que nos deu, tomando «O Campeão» seu órgão, tão grandioso fim.

O delegado do Real Velo Club do Porto em Barcelona, o sr. D. Emilio Arenas, fez entrega d'uma medalha de prata a uma agremiação ultimamente installada n'aquella cidade, sob a denominação «Velo Club.»

A medalha tem a seguinte legenda: «*Ou-torgada por Emilio Arenas, representante del Real Velo Club do Porto, Barcelona 22 octubre 1899. E no verso: «Al Velo Club».*

O Real Velo Club do Porto acaba de registrar nos seus livros a prova annual do Campeonato do Pará, realizado no corrente anno pelo Sport Club do Pará, sendo o vencedor o sr. Renato Savenay Ferreira, socio do Real Velo Club, que fez o percurso de 2000 metros em 3 minutos e 16 segundos.

Na sessão de quinta feira foram apresentadas á direcção do Real Velo Club do Porto, as plantas para a reforma do seu Velodromo Maria Amelia, elaboradas pelos distinctissimos engenheiros os snrs. Estevão Torres e Eleutherio da Fonseca, devendo principiar-se tão importante reforma por estes dias, devendo ficar promptos antes do fim do mez.

Principiaram na segunda feira as obras no interior do Chalet do Palacio de Crystal onde tem a sua sede o Real Velo Club do Porto.

O interior será completamente transformado, ficando muito luxuoso e confortavel.

Estas obras correm ao cuidado de uma commissão de socios composta pelos snrs. Olyntho, Achilles e Amadeu Ferreira Múaze, Ricardo Garcia y Gomez, Huberto Marinho e Joaquim Ventura da Silva Pinto Junior que têm angariado importantes donativos para tal fim.

A novas installações não ficarão promptas antes do dia 15 do corrente.

Aos esforços d'esta commissão tem correspondido gentilmente os seus consocios com o mais franco acolhimento, o que a commissão registra com intimo prazer.

Do *Diario Illustrado* extractamos a seguinte chronica de *sport* relativa ás ultimas corridas realisadas no Velodromo de Algés no domingo passado:

«Vamos dar os apontamentos que poderemos conseguir particularmente da corrida de domingo passado no Velodromo D. Carlos.

Dizemos *particularmente*, porque o jury não pôde comparecer, e mandou cremos que os seus famulos, em seu lugar. Estes, é claro, portaram-se como quem eram, e chegaram a expulsar da barraca do jury os membros da imprensa, que ali estavam, não querendo mesmo dar-lhes informações!

Sentimos que o jury não podesse comparecer, pois, pelo que vimos nos cartazes, era composto de cavalheiros educados que não faziam o que os seus famulos fizeram.

E ponto nos preambulos.

A corrida começou ás 3 e meia, apesar de estar annunciada para as 2 e tres quartos.

Gente pouca. Animação nenhuma. Musica desafinada. Corridas o que segue:

1.ª corrida—*Amadores Juniores*—feita em duas series.

Ganhou o sr. Eugenio Ferreira, por um quarto de roda, ao sr. Sá da Bandeira, que chegou em 2.º.

Em 3.º chegou Rembarlo, com 20 metros de atrazo.

Os outros desistiram.

2.ª corrida—*Profissionais* de 2.ª classe.

Chegou em 1.º o sr. José Maximo Corrêa, um distincto amator que teve as honras da tarde, pois que tirou valentemente quatro primeiros premios.

Em 2.º chegou Magalhães, que não pôde provar o que valia, pois tinha ainda a perna direita muito ferida de um trambulhão no domingo passado.

Em 3.º chegou Eduardo Ferreira, que entrou com pequenissimo atrazo a Magalhães.

3.ª corrida—*Amadores Seniors*—3 voltas. Sahiram tres corredores.

Chegou em 1.º, José Maximo Correia e em 2.º, Antonio Marques.

Fizeram muita *cera*...

4.ª corrida—*Match*.

Era o *clou* da tarde.

Seis voltas em duas mãos.

Para esta corrida annunciava-se o francez Raoul Buisson.

Mas, segundo o costume, houve contra-annuncio.

Mr. Buisson, tinha naturalmente, uma prima *avec* sarampo, e por isso não pôde cá vir...

Bateram-se José Bento Pesa-oa e Antonio Lopes, que é o campeão do Porto.

Segundo o costume, os corredores só puxaram na ultima volta, de maneira que em uma das primeiras levaram cerca de 2 minutos a andar os 500 metros da pista!

Por fim, José Bento, em uma das suas *maravilhosas embalgas*, depois de ter deixado passar o adversario à frente, ganhou-lhe a corrida por meia roda, sendo-lhe entregue os 100\$000 réis da aposta.

Consta-nos que Antonio Lopes o desafiou para um outro *match*, com a aposta de 200\$000 réis.

5.ª corrida—*Amadores Seniors*.

Ganhou José Maximo Corrêa, que n'esta, como nas outras, se portou com valentia.

6.ª corrida—*Amadores*.—*Tandems*.

Sahiram quatro *tandems*.

Foi a mais bonita da tarde, devido à *equipe* Mouton Ducasse ter começado por puxar, logo à sahida, obrigando assim as outras a animarem-se.

Apesar d'isso não conseguiram o primeiro premio, que foi ganho pela *equipe* Maximo Corrêa, J. Villas.

O 2.º premio foi o que pertenceu àquelles corredores.

Em 3.º logar chegou a *equipe* J. Baptista, A. Amado.

7.ª ultima—*Match*.

Tomaram parte dois corredores.

Um levava 65 de multiplicação, guiador de passeio, e travão. Esqueceu-se da cornea, e foi por isso que perdeu, por meia pista, chegando em 1.º logar o seu competidor, que levava 85 de multiplicação.

O amator José Maximo Corrêa não acceteu o premio em dinheiro que lhe coube.

Só acceta um objecto de arte.

E acabou-se.

Ao som do hymno foi-se toda a gente embora.»

*

Foram bastante concorridas as corridas pedestres e de bicycletas que no domingo se realisaram no Jardim Zoologico, promovidas pelos srs. Estevão Augusto dos Santos e João Emilio da Costa.

Na 1.ª corrida pedestre, 3 voltas, 999^m foram premiados os srs. Manuel Rodrigues, Julio Ferreira e Arthur dos Santos. O primeiro premio foi do sr. Manoel Rodrigues; o segundo premio do sr. Julão Ferreira; chegando em ultimo logar o sr. Arthur dos Santos.

Na 2.ª corrida, de bicycletas, para principiantes, foi o primeiro premio para o sr. Estevão dos Santos, o 2.º para o sr. Arthur, e o ultimo premio foi ganho pelo sr. Rebello de Almeida.

3.ª corrida, pedestre, a 90^m; 1.º premio do sr. Machado, e o 2.º do sr. Sousa Bastos.

4.ª corrida, bicycletas, juniors, 4 voltas, 1:332^m.

1.º premio, do sr. Anthero; 2.º do s. Estevão dos Santos, 3.º, do sr. Alfredo da Silva.

5.ª corrida, pedestre, seniors, 5 voltas, 1665^m.

1.º premio do sr. Macedo, e o 2.º do sr. Fraga.

6.ª corrida, bicycletas, 5 voltas, 1656^m.

1.º premio, do sr. Raul Flores, e o 2.º do sr. Carlos Seabra.

O sr. Napoleão Malheiros não tomou parte nas corridas por motivo de doença.

*

O nosso excellente collega «O Tiro Civil», órgão do sport nacional, na sua secção velocipedica, trata da «União Velocipedica», afirmando que alguns trabalhos já ha feitos.

Sabemos que os nossos amigos e collegas d'aquella revista Luiz Magalhães Fonseca e Anselmo de Sousa ha muito pensam em prestar outro relevante serviço a este ramo de sport e actualmente já contam com valiosissimas adhesões, tanto de amadores como de profissionais e commerciantes.

*

Bateu o *record* de 2 milhas (3 k. e 218 m.) em Nova-York no praso de 2 m. 54 s. o corredor Mac-Duffie.

Augmentava a velocidade um corta-vento, de que era munido o *tandem*.

*

Na mesma cidade bateu o *record* de 1:000 milhas o corredor americano Reivère, em 90 h. 15 m.

Este *record* pertencia a Edge desde 1896, em 105 h. 19 m., tendo sido feito em estradas inglezas.

*

Realisou-se em Lisboa, quarta-feira, um desafio de *cri'et* entre o Club de Braço de Prata e um grupo formado por socios do Real Gymnasio Club e do antigo Club Peninsular.

A partida esteve interessante e renhida.

No final do primeiro *innings* a victoria pedia a favor do grupo de Lisboa, devido certamente ao bom *bowling*, o que tornou a partida ainda mais interessante, por ser este resultado contra toda a expectativa.

No segundo *innings* coube a victoria ao Club de Braço de Prata, que foi quem ganhou o desafio.

Por volta das 2 horas o jogo foi interrompido para dar logar ao *lunch*, continuando depois a jogar-se até perto das 5 horas da tarde.

Era capitão do grupo de Lisboa o sr. C. Hansen e do grupo de Braço de Prata o sr. Lindley.

HORAS DE SOCEGO

Charadas novissimas

Molha este pão, que aquece - 2, 1
Não é tarde e está completa esta rua—2, 2.

Teidila.

Charada em verso

Vê-se em qualquer instrumento
Por ser nota, sem valôr—1
Como é lindo seu fulgor
Quando 'stá no firmamento!—2

Ao leitor do *Campeão*
A charada é dedicada,
'Inda não foi decifrada?
Veja que é embarcação.

A. Tins-mar.

Enigma typographic

NH NH

Hel'n.

Logogrifho por letras

Vi uma côrte pomposa
D'um estado florescente,—8, 6, 5, 3, 9
Offertar toda vaidosa
Um valoroso presente;—4, 2, 8
Mas o homem contemplado,
Um titular de talento,—1, 9, 3, 4, 6
Retribuiu delicado
Em pouco espaço de tempo.—4, 7, 2
—Se o luar deslumbrante
Não banhou a rua estreita,
Usa d'elle o caminhante
Por achar boa receita.

Joamel.

Decifrações do numero anterior

Das charadas novissimas—1.ª Limonada,
2.ª Salmão.

Da pergunta enygmatica—Violeta.

Do enigma por iniciaes—Quem com ferros mata com ferros morre.

Do enigma typographic—Chiste.

Do logogrifho por letras—Alvaro

Relação dos decifradores:
Joamel, Emyaj, Hel'n, Luar, Tins-mar,
Flavio, Teidila, Mimi e Né.

Carteira

Regressou ao Porto da sua propriedade de S. Paio de Merelim, Braga, o ex.^{mo} sr. Antonio Rodrigues Padim. Acompanha-o sua ex.^{ma} familia.

Accitem suas ex.^{as} as nossas boas vindas.

*

A galante Emilia, filha do nosso amigo o ex.^{mo} sr. Serafim d'Oliveira e Souza, tem o seu anniversario na proxima terça-feira 7.

Parabens.

*

A' sua casa do Porto chegou da Foz, com sua familia, a ex.^{ma} snr.^a D. Maria do Carmo Pereira de Vasconcellos.

Os nossos cumprimentos.

*

Em 10 do corrente passa o anniversario natalicio da ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Candida da Silva.

Mil felicitações.

*

Recebeu o nome de Alva Emilia a filha do nosso amigo Antonio Ramos, no ultimo domingo baptisada na igreja do Bomfim.

Serviram de padrinhos a neophita o exc.^{mo} sr. conselheiro José Novaes e a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Vellozo.

O CAMPEÃO

Redacção e Administração—R. Santo Antonio, 165—PORTO

Condições da assignatura

(Pagamento adiantado)

Trimestre	300 reis
Semestre	600 »
Anno	1\$200 »

Cobrança pelo correio mais 80 reis

Avulso 30 reis

ANNUNCIOS

Contracto especial

TYPOGRAPHIA A VAPOR
DE
JOSÉ DA SILVA MENDONÇA

Rua do Almada, 96

PORTO

Praça de D. Pedro, 95

N'esta typographia imprimem-se com rapida e esmerada perfeição e nitidez: Jornaes, livros, mappas, relatorios, facturas, recibos, cartas, bilhetes de visita, participações de casamento, rotulos para pharmacia, etc., etc., para o que dispõe de material o mais moderno. Preços modicos.

(CASA FUNDADA EM 1882)



BICYCLETAS
GLADIATOR

as unicas que offerecem garantia aos cyclistas pela solidez de construcção, leveza de andamento, elegancia de quadros e, finalmente, pelo seu modico preço.

TRICYCLOS COM O MOTOR A PETROLEO

ASTER-GLADIATOR

os que melhor resultado teem dado nas estradas portuguezas.

Encontram-se á venda em casa do seu agente

Silvestre Dias Teixeira

153, RUA DO SÁ DA BANDEIRA, 157

E NA SUA CASA FILIAL

RUA DE CEDOFEITA, 84

(Esquina da Travessa de Cedofeita)

PORTO

*Onde tambem se vendem e alugam bicycletas**Onde se encontra excellentemente montada uma officina de reparação.***BICYCLETA**

Vende-se uma em bom estado.

Trata-se n'esta redacção das 7 e meia ás 9 horas da noite.

Ourivesarias, Joalherias e Relojoarias

DE

M. MARTINS MARQUES SUCC.^{RES}

123, RUA DE SANTA CATHARINA, 131—PORTO

O sortimento é muito variado, havendo objectos muito lindos, proprios para presentes.

Casa de plena confiança.—Preços fixos.

FABRICA DE TECIDOS DE SEDA

DE

PIMENTEL & QUEIROZ

RUA DE SANTA CATHARINA, 127—PORTO

Sortido completo em velludos, sedas pretas, damascos e sedas para guarda-soes.

Grande variedade em guarda soes para homem e senhora. Preços convidativos.

ENVELOPPES

Sortidos em 5 côres e com os dizeres que o freguez quizer a 1\$400, 1\$600 e 1\$800 o milheiro

TYPOGRAPHIA MENDONÇA

RUA DO ALMADA, 96

MACHINAS DE COSTURA

CARRINHOS D'ALGODÃO, AGULHAS

E

OUTROS APETRECHOS

Casa Filial de Silvestre Dias Teixeira

RUA DE CEDOFEITA, 84

ESQUINA DA TRAVESSA DE CEDOFEITA

PORTO